



Subsídios para o controle de *Leucaena leucocephala*, espécie exótica invasora, na Ilha de Fernando de Noronha

Thayná Jeremias Mello
Parque Nacional Marinho Fernando de Noronha
Thayna.mello@icmbio.gov.br

Resumo

As invasões biológicas são atualmente a segunda maior causa de perda de biodiversidade no mundo, ficando atrás apenas da destruição dos habitats. Certos ambientes são mais suscetíveis que outros à invasão, especialmente quando degradados. É o caso das ilhas oceânicas, onde as invasões biológicas são a principal causa de perda de biodiversidade. No Brasil, a introdução de várias espécies exóticas na ilha oceânica de Fernando de Noronha representa uma séria ameaça à sua biodiversidade.

Uma destas espécies é um arbusto chamado localmente de "Linhaça" ou "Leucena (*Leucaena leucocephala*). Originária do México e América Central, estima-se que a Leucena tenha sido levada para Noronha na década de 40, para alimentar o gado. Nesta época, o seu cultivo era estimulado em todo o mundo, e por crescer rápido até em áreas degradadas, ajudar a fertilizar o solo e ser tolerante à seca, ela ganhou fama de "árvore milagrosa". Porém, logo começou a se espalhar onde não havia sido cultivada. Tentativas de controlá-la fracassavam: cortada, ela rebrotava vigorosamente. Antes "milagrosa", a Leucena entrou na lista das 100 piores espécies invasoras do

mundo. Hoje é reconhecida como invasora agressiva e causadora de perda de biodiversidade, com ameaça destacada às ilhas oceânicas, como Havaí, Galápagos, Fiji, Indonésia, Filipinas e muitas outras.

Conhecer a dimensão do problema em Fernando de Noronha é o ponto de partida básico para um planejamento adequado das estratégias de manejo. Neste contexto, o Projeto "Subsídios para o controle da Leucena em Noronha" teve como objetivos diagnosticar a situação da invasão e testar possíveis estratégias de restauração das áreas invadidas.

Para o diagnóstico, fizemos um levantamento da distribuição da espécie em toda a ilha: ela foi encontrada em 60% dos 178 pontos amostrados, inclusive em regiões mais preservadas onde ainda há vegetação nativa, dentro do Parque Nacional, como Leão, Caiera, Sancho e Quixaba. Verificamos que há diminuição da riqueza de espécies nas áreas ocupadas pela Leucena, sendo que na maioria destas áreas a única espécie crescendo junto com a Leucena foi o *Capparis flexuosa* (feijão-bravo), demonstrando uma

clara tendência à homogeneização destas áreas.

Verificamos também a performance de mudas de uma espécie nativa, a *Erythrina velutina* (mulungu) plantada em clareiras abertas em áreas dominadas por Leucena, embaixo da Leucena e embaixo do feijão-bravo. Apesar de não termos constatado efeito negativo da Leucena na germinação das mudas, verificamos que elas cresceram e sobreviveram muito menos quando plantadas embaixo da Leucena do que embaixo do feijão-bravo (que também faz sombra, mas permite que as outras cresçam) ou em áreas abertas.

Concluimos que a Leucena não permite que as plantas nativas, algumas endêmicas de Noronha, voltem a ocupar os lugares que ocupavam antes. Assim, as nativas vão perdendo espaço e ficam cada vez mais expostas ao risco de extinção. Esse processo só poderá ser revertido com ações de longo prazo para controlar a expansão da invasora, restaurar as áreas invadidas e recuperar a vegetação nativa de Noronha. A conservação e recuperação da biodiversidade de Fernando de Noronha em médio e longo prazo só serão possíveis

